



# A idolatria da hóstia consagrada: desdobramento de uma pastoral secularista

The idolatry of the consecrated host: development  
of a secularist pastoral

*Tiago Cosmo da Silva Dias\**

Dehoniana e FPVI

Recebido em: 13/10/2023. Aceito em: 30/11/2023.

**Resumo:** *No contexto de uma sociedade puramente imagética, em que os sinais se confundem com o que apontam, muitos setores da Igreja, apesar de tantos modelos pastorais possíveis, optam por uma pastoral secularista, cujo eixo é o corpo e, naturalmente, as sensações. Nesse cenário, a essência da prática da Eucaristia, que é a refeição, acaba por se prejudicar, uma vez que se incentiva mais a adoração. Não que, naturalmente, a Eucaristia não deva ser adorada; ao contrário, uma vez consagrados, Pão e Vinho também é digno da nossa adoração. Entretanto, desde o início a ordem de Jesus não foi para ver e adorar, mas para tomar e comer. Nessa inversão, esquece-se o elementar e se destaca não mais o aspecto comunitário da refeição eucarística, mas sim o individual: ver, adorar e sentir no próprio corpo o que Jesus, vivo na hóstia consagrada, causa em “mim”, individualmente. É aqui que se passa a uma espécie de idolatria, especialmente porque há um conjunto de “eus”, faltando o salto ao “nós”. Essa prática, por sua vez, leva a uma pastoral preocupada excessivamente com as massas e os números, pouco empenhada em formar comunidade, meio através do qual o cristianismo sempre existiu e cresceu.*

**Palavras-chave:** *Eucaristia; idolatria; pastoral secularista.*

\* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2022). Participa do Grupo de Pesquisa ‘Religião e Política no Brasil Contemporâneo’ (PUC-SP/CNPq). Professor na Faculdade Dehoniana, em Taubaté, e na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, em Mogi das Cruzes. Doutorando em Teologia pela PUC-SP, com bolsa de fomento pela CAPES/PROSUC. Possui especialização em Cultura e Meios de Comunicação (2021), também pela PUC-SP; e em Religião e Cultura (2018), pelo Centro Universitário Assunção (Unifai). Bacharel em Teologia (2018) e Filosofia (2014), pela Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, em Mogi das Cruzes; e em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela Universidade Nove de Julho (Uninove).

E-mail: [pe.tiagocosmo@gmail.com](mailto:pe.tiagocosmo@gmail.com).



**Abstract:** *In the context of a purely imagetic society, in which signs are confused with what they point to, many sectors of the Church, despite so many possible pastoral models, opt for a secularist pastoral approach, whose central axis is the body and, naturally, sensations. In this scenario, the essence of the practice of the Eucharist, which is the meal, ends up being harmed, since worship is encouraged more. Not that, of course, the Eucharist should not be adored; on the contrary, once consecrated, Bread and Wine is also worthy of our worship. However, from the beginning Jesus' order was not to see and worship, but to take and eat. In this inversion, the elementary is forgotten and the communal aspect of the Eucharistic meal no longer stands out, but rather the individual aspect: seeing, adoring and feeling in one's own body what Jesus, living in the consecrated host, causes in "me", individually. This is where we become a kind of idolatry, especially because there is a set of "I's", missing the leap to "we". This practice, in turn, leads to a pastoral care excessively concerned with the masses and numbers, with little commitment to forming community, the means through which Christianity has always existed and grown.*

**Keywords:** *Eucharist; idolatry; secularist pastoral.*

## Introdução

No momento atual, o mundo vive um período de *crise*. A Igreja, por sua vez, como tem seu coração tocado por tudo aquilo que afeta o humano<sup>1</sup>, igualmente a atravessa, ainda que exista o risco sempre iminente de fazer uma teologia órfã de Igreja e, ao mesmo tempo, da sociedade; ou seja, sem o chão da história. “O próprio exercício do ministério do teólogo, ao tomar distância da sua matriz, que é a vida das comunidades eclesiais no mundo, perde relevância e tem seu serviço imprescindível ao Povo de Deus diminuído”<sup>2</sup>.

A crise gera medo, razão pela qual as reações a ela são as mais diversas possíveis. No entanto, ela não é um beco sem saída: antes, deve ser tida como uma ocasião para novas oportunidades, sob a condição de que não se fuja dela. “Fugir dela é presságio de um fim catastrófico; assumi-la, prenúncio de um tempo pascal, de um novo começo”<sup>3</sup>. Em um contexto de crise, segundo Brighenti<sup>4</sup>, emergem diferentes e possíveis visões da realidade, que são basicamente três.

<sup>1</sup> GS 1.

<sup>2</sup> BRIGHENTI, A. Discernir a pastoral em tempos de crise. In: MORI, G. de. [org.] *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 27.

<sup>3</sup> BRIGHENTI, 2022, p. 31.

<sup>4</sup> BRIGHENTI, 2022, p. 32.



- *Visão retrospectiva.* Nesse caso, a saída é buscada olhando para trás. No passado, houve determinadas práticas e comportamentos que deram certo; então, na atualidade, dar passos para trás pode ser um refúgio seguro. Procura-se, portanto, prolongar o passado no presente; em meio a instabilidade que uma crise gera, busca-se segurança a todo preço e acaba se apostando no tradicionalismo e no fundamentalismo, que levam ao grande perigo deste decênio, o *integrismo*: o que não coaduna com o retorno ao passado, deve ser completamente rechaçado. Não se sabe conviver com o diferente, mesmo porque é justamente o diverso que causou a crise; se, ao contrário, se estivesse permanecido fiel às tradições, tudo estaria na mais perfeita harmonia. Em alguns, esse tipo de visão é uma mera ilusão e, porque não, carrega consigo até uma certa ingenuidade; em outros, porém, tem objetivos bastante precisos.
- *Visão catastrófica.* Se na visão retrospectiva a saída é buscada olhando para trás, no caso da catastrófica como o passado já foi e, por conter o elemento da catástrofe, não se acredita que haverá futuro, então só resta viver o *presente*, resignados ao pragmatismo próprio do cotidiano. A referência máxima para esse tipo de visão é o corpo, como o lugar onde se experimentam as sensações. A fé é pautada sobretudo no emocionalismo.
- *Visão prospectiva.* A saída é buscada olhando para o futuro, alicerçados, porém, na experiência do passado e fiéis aos desafios do presente. Nesse caso, procura-se projetar, a partir de hoje, um amanhã melhor. Tem-se consciência de que a modernidade tem os seus limites, mas não se justifica jogar tudo fora e ser antimoderno: a ciência tem limites, mas pior é acreditar que a terra é plana; a racionalidade moderna é curta, sim, mas é preciso alargar os horizontes, e não se findar em um emocionalismo; a democracia é cheia de imperfeições, mas nem por isso é preciso apostar na ditadura; as instituições em sua identidade talvez já não respondam aos anseios humanos, mas não se deve substituí-las pelo tradicionalismo; na Igreja, o Vaticano II (1962-1965) e sua reconciliação com a modernidade tem limites, mas nem por isso se justifica voltar a Trento.

A maneira com que se observa a realidade será determinante para a ação pastoral, cuja condução dependerá, sempre, da perspectiva que se tem.



## 1 Modelos de ação pastoral a partir das visões da realidade

Dessas diferentes visões da realidade, derivam, na perspectiva de Brighenti<sup>5</sup>, alguns dos muitos *modelos de ação pastoral*:

1. *Pastoral de Conservação*. A pastoral de conservação – termo que aparece em Medellín<sup>6</sup> e foi lembrado em Aparecida<sup>7</sup> – é o modelo de pastoral do regime da cristandade. Está ainda vigente na Igreja e existe há mais de mil anos, apesar de haver sido superado pelo Concílio Vaticano II há mais de meio século. Funciona centralizado no padre, na paróquia e, no seio dela, na matriz. A paróquia, portanto, desde o início da Idade Média, continua sendo, para a maioria dos católicos, o único espaço de contato com a Igreja. Na pastoral de conservação, a prática da fé é de cunho devocional, centrada no culto aos santos e composta de procissões, romarias, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval. Já em sua configuração tridentina, a vivência cristã gira em torno do padre, baseada na recepção dos sacramentos e na observância dos mandamentos da Igreja. No fundo, como a evangelização dá trabalho, investe-se mais em “alimentar o espírito”, em uma pastoral ainda compreendida como *cura animarum*.
2. *Pastoral Apologista*. A pastoral apologista é o modelo do regime da neocristandade, que teve seu auge quando a Igreja jogou suas últimas cartas no confronto com a modernidade, no final do século XIX. Nos dias atuais, com a crise da modernidade e a falta de referenciais seguros, a pastoral apologista se organiza com ares de “revanche de Deus”, com muito dinheiro e poder, triunfalismo e visibilidade, guardião da ortodoxia, da moral católica e da tradição. Quem vai na mão contrária, em geral, é chamado de relativista ou herege, porque a pastoral apologista assume a defesa da instituição católica diante de uma sociedade anticlerical, guardando as verdades da fé de uma razão secularizante, que não reconhece senão o que pode ser comprovado pelas ciências. Nada em termos eclesiais e até

<sup>5</sup> BRIGHENTI, 2022, p. 35-40.

<sup>6</sup> Medellín 6,1.

<sup>7</sup> DAp 370.



bíblicos deve ser questionado, mas tão somente aceito. Diante do relativismo reinante, contrapõe-se o “porto seguro de certezas” da tradição religiosa e um elenco de verdades apoiadas em uma racionalidade metafísica. Se a pastoral de conservação é pré-moderna, a pastoral apologista é anti-moderna.

3. *Pastoral Secularista*. Os que reagem à crise atual com uma visão catastrófica da realidade, na pastoral, praticam uma espécie de pastoral secularista, restrita ao presente, aqui e agora. A salvação, nesse sentido, é sinônimo de prosperidade material, saúde física e realização afetiva. A religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo. Esse tipo de pastoral se propõe a responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria órfãs de sociedade e de Igreja. Aqui existem “fiéis” que querem ser felizes hoje, buscando solução a seus problemas concretos e apostando em saídas providenciais e imediatas. Trata-se, portanto, de uma religião *à la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual próspero e rentável mercado religioso. Nesse sentido, há diversos deslocamentos: da militância para a mística na esfera da subjetividade individual, do profético ao terapêutico e do ético ao estético, contribuindo para o surgimento de “comunidades invisíveis”, compostas de “cristãos sem Igreja”, sem vínculos comunitários. No contexto clerical, essa opção fica nítida na escolha de paramentos que, ao invés de indicar o serviço, servem para colocar o presbítero em lugar de destaque, sob o argumento de que “para Cristo é sempre o melhor”; ou, ainda, de que significam que o ordenado, uma vez ungido, morreu para o mundo e agora vive tão somente para Jesus e sua Igreja.

Um exemplo que ajuda a aplicar perfeitamente todos esses tipos de pastoral ocorreu na pandemia, com o movimento *Devolvam-nos a missa!* No mês de abril de 2020, grupos na Espanha, na Argentina e no Brasil começaram uma campanha, dirigida a seus bispos, intitulada *Devolvam-nos a missa* ou *Devolvam-nos a Santa Missa*. O berço dessa empreitada foi na Áustria, quando um grupo composto por jovens enviou um vídeo aos bispos do país pedindo a volta das celebrações. Não se pode negar que, sim, às vezes esses grupos acabaram agregando pessoas bem-intencionadas, que estavam sofrendo por não receber a Eucaristia no



auge da pandemia – algo que, nos últimos anos, jamais acontecera. No entanto, a situação acabou sendo manipulada por grupos que se sentiam os “cristãos cruzados” do século XXI, que precisavam reconquistar a Igreja que, àquela altura, havia se submetido a uma decisão do Estado – nesse caso, em geral, estavam os que optam pela *pastoral apologista*. No fundo, havia um prisma puramente ideológico, que via uma situação séria e grave de pandemia como uma verdadeira guerra, que precisava angariar militantes a seu favor. Mais do que isso: esse tipo de manifestação demonstrou claramente o quanto boa parte dos cristãos reduz a vida cristã apenas à celebração da Eucaristia, ou seja, ao mero culto, o que também é revelador de uma *pastoral de manutenção* – se é que, nesse caso, ainda se deve falar em “pastoral”, no sentido profundo do termo. Soma-se a isso o fato de que, no fundo, há também um profundo clericalismo, já que, sem padres, não há Eucaristia e, sem Eucaristia, não há Igreja. Que a Eucaristia é, sim, o ápice da vida cristã, não se há dúvidas, mas na pandemia outras “instâncias”, igualmente importantes e que poderiam ser realmente vividas, acabaram por ficar em segundo plano, tais como a Sagrada Escritura e o valor da família, como igreja doméstica. O que se percebe é que, no fundo, a preocupação não era com a Eucaristia, mas com o cumprimento dos ritos e das regras. Havia, inclusive, até uma pregação de um certo temor que, sem a Comunhão Eucarística, os fiéis estavam fadados à condenação eterna ou, ao menos, há um “período” maior no purgatório<sup>8</sup>.

No caso da *pastoral secularista*, ela alcançou a muitos com, por exemplo, a Eucaristia *drive thru* ou, em alguns lugares, com a passagem do Santíssimo Exposto em caminhões, com direito ao aceno do padre; ou até, em alguns, com a passagem de helicóptero que, certamente, trouxe “alívio” aos fiéis, que se sentiram “confortados”. É aqui, pois, que se fez o gancho para a mudança que ocorre: de *adoração à Eucaristia*, passa-se à *idolatria*.

## 2 A idolatria da hóstia consagrada

Acima de qualquer realidade, é importante afirmar que, sim, a Eucaristia deve ser adorada, ainda que, historicamente, o fato de se

<sup>8</sup> DIAS, T. C. da S.; SOUZA, N. de. A urgência da ortopraxis: condição para resgatar o humano. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXX, n. 103, set./dez. 2022, p. 54-58. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/59372/41414>. Acesso em: 11 out. 2023.



conservar as chamadas *reservas eucarísticas* tinha em vista, unicamente, levá-la depois aos enfermos<sup>9</sup>. No entanto, quando aqui se utiliza o termo *idolatria*, o que se quer afirmar é que, para muitos, a hóstia tornou-se um “objeto” suficiente por si mesmo; ou, exatamente como prevê o modelo de pastoral secularista, se a salvação é individual, não se valoriza mais o aspecto da refeição e da ceia, mas sim o subjetivo, que alimenta pensamentos do tipo: *a salvação é individual; cada um vele pela sua!* A esse fator, soma-se uma compreensão da Eucaristia como uma espécie de um amuleto sagrado, sem a qual é impossível se salvar.

O conceito de idolatria aqui, portanto, não é tomado no seu sentido original, no qual acontece uma adoração religiosa que tem por objeto um ídolo, que ocupa o lugar de Deus e passa a ser adorado como se fosse Deus. Seria incongruente assumir o vocábulo idolatria nessa perspectiva porque, no caso da Eucaristia, ela merece adoração, porque contém o próprio Deus. Assim, pois, entenda-se por idolatria, na verdade, a “absolutização de qualquer realidade criada ou de qualquer produto de nossa imaginação, quando o homem adota diante deles atitude de temor, de afeto ou confiança absolutos”<sup>10</sup>.

É curioso que, por exemplo, muitos fiéis comunguem e recebam o Senhor na Eucaristia e, depois, em uma mesma missa, precisem vê-lo exposto no ostensório e tocá-lo, de modo a atingir verdadeiros êxtases e sentirem, de fato, “a presença de Jesus”. Nesse aspecto, por analogia, é como se a Eucaristia fosse o atual “bezerro de ouro”. No episódio narrado em Ex 32, o povo se queixa a Aarão enquanto Moisés está no Monte Sinai, a receber os mandamentos, e pede-lhe que lhe faça deuses (v. 1). Hoje, igualmente, parece que a sede de Deus não se preenche com o que a *Eucaristia contém*, cujos frutos se percebem de forma processual no andar da vida, mas sim com o que os *ostensórios contém*, em toda a sua realeza: a hóstia consagrada. Talvez seja por isso que, na EG, o Papa Francisco tenha escrito que, mais do que o ateísmo, preocupava-o bastante como se estava respondendo à sede de Deus das pessoas, que muitas vezes acabavam por preenchê-la ou saciá-la com “propostas alienantes”<sup>11</sup>. Note-se que a preocupação de Francisco não é, antes, com

<sup>9</sup> JUSTINO DE ROMA. I Apologia. In: JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias. Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995. 65.

<sup>10</sup> SICRE apud VÍLCHEZ, J. Idolatria. In: XABIER PIKAZA, O. de M.; SILANES, N. (dir.). Dicionário Teológico. O Deus Cristão. São Paulo: Paulus, 1988. p. 418.

<sup>11</sup> EG 89.



o conteúdo dessas propostas; antes, é com a forma através da qual elas se apresentam.

No fundo, o secularismo presente na pastoral é reflexo de uma ação que, no fundo, pouco ou nada aprendeu com o Vaticano II, que recordou, em primeiro lugar, que para salvar Deus decidiu constituir um povo; logo, é como povo que se será salvo<sup>12</sup>, não recebendo “carismas especiais” como dons do alto que, inclusive, fazem de quem os recebe “mais ungidos” de que outros. A questão é que “todo aquele que pratica a idolatria erra no conhecimento de Deus (cf. Sb 14,22), e quem erra no que há de mais fundamental a respeito de Deus pode chegar aos erros mais inimagináveis ético-religiosos, começando pela negação do próprio Deus”<sup>13</sup>.

De outro lado, ainda no relato bíblico do Êxodo, do bezerro de ouro, texto paradigmático quando se fala em idolatria, assistiu-se a força da intercessão de Moisés que, percebendo a ira de Deus diante do desvio do povo, clamou por misericórdia. Na prática, isso se assiste igualmente, por analogia, no constante embate entre, de um lado, os “padres” e “líderes midiáticos” e, de outro, o presbítero da comunidade, cujas orientações são, não raras vezes, questionadas porque alguma personalidade, em alguma *live*, disse algo diferente e possui um alcance muito maior. Desenvolve-se, assim, o *culto às personalidades* e, o mais preocupante, Cristo deixa de ser o centro: não se é mais discípulo d’Ele, mas da *tal personalidade* que, supostamente, quer auxiliar na conversão e na transformação do mundo, que está em uma constante apostasia. Aqui, mais grave ainda, a idolatria passa a transcender a hóstia consagrada, transpondo-se a esses líderes, o que também não deixa de ser reflexo da atual crise: na falta de referenciais seguros, qualquer um que, minimamente, no falar ou no agir demonstre alguma autoridade, é tido como um pilar no qual se deve apoiar sem medo. É uma postura pastoral que Benincá e Balbinot chamam de carismático-pentecostal:

*Na postura carismático-pentecostal o agente sente-se alguém com o dom do Espírito Santo. É reconhecido pela comunidade por causa da experiência do novo pentecostes. Quem recebe o dom do Espírito Santo tem o poder e o dever de pregar, falar em línguas, ensinar. A comunidade segue as orientações de quem recebeu o dom. Acredita-se que o sujeito que age na pessoa é o próprio Espírito Santo. O agente considera-se*

<sup>12</sup> LG 9.

<sup>13</sup> VÍLCHEZ, 1988, p. 419.





*um instrumento do Espírito Santo. [...] O louvor compõe o centro da evangelização. A organização eclesial do carismatismo não se realiza em favor de uma transformação da sociedade, mas da experiência religiosa pessoal. De modo geral, a postura carismático-pentecostal acomoda-se nas estruturas sociais vigentes e pode ser vista como conservadora. Mas utiliza-se das tecnologias midiáticas avançadas como meio de propagação da sua experiência. Suas estratégias são: encontros de massa e em pequenos grupos, nos quais se manifestam o louvor, a pregação, o transe, o falar em línguas, o canto, o terço bizantino, os cenáculos<sup>14</sup>.*

Nesse sentido, voltando ao relato bíblico, do bezerro de ouro, é curiosa a fala de Aarão, quando questionado a Moisés sobre o que estava acontecendo. *Não fiques assim tão indignado! Sabes bem como este povo é inclinado para o mal. Eles disseram: 'Faz-nos ídolos, para que tenhamos deuses que nos guiem'. E eu disse-lhes: 'Tragam-me o que tiverem em ouro. Eles assim fizeram e lancei tudo no fogo e saiu este bezerro'* (Ex 32,22-24). Na prática, é a mesma postura de muitos presbíteros que justificam a idolatria da hóstia com o argumento de que “o povo gosta”, além de ser, naturalmente, bastante rentável financeiramente. Assim, ferem o compromisso com as irmãs e os irmãos e, acima de tudo, com o projeto original de Jesus: o Reino de Deus.

Um dado, porém, não se deve esquecer: na própria fundamentação da teologia dos sacramentos, existe o dado de que é próprio da estrutura comunicacional humana a existência de sinais, o que, no fundo, é *per si* um sinal grandioso do amor de Deus pela humanidade que, para transmitir sua graça, apropria-se do que é do humano. A pastoral secularista, porém, instrumentaliza essa rica teologia, porque os sinais são mediação; *não são o que representam*. São representação. No caso da Eucaristia, quando se valoriza mais sua presença no ostensório do que nas âmbulas para nossa refeição, é sinal de que, na prática, ela se tornou um amuleto e, no fundo, não se entendeu bem qual sua razão de ser e existir. É óbvio que:

*Se faltasse o estupor diante do Mistério pascal, que se faz presente na realidade dos sinais sacramentais, poderíamos realmente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano da graça que inunda cada Celebração. Não bastam os esforços, ainda que louváveis, em favor de uma melhor qualidade da Celebração, tampouco um chamado à interioridade: também essa última, se não acolhe a revelação do Mistério cristão,*

<sup>14</sup> BENINCÁ, E.; BALBINOT, R. *Metodologia Pastoral*. Mística do discípulo missionário. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 101.



*corre o risco de se reduzir a uma subjetividade vazia. O encontro com Deus não é fruto de uma busca interior individualista por Ele; mas, sim, um acontecimento que é dom; podemos encontrar Deus pelo fato novo da Encarnação que, na Última Ceia, chega ao extremo de desejar se fazer alimento por nós. Como pode acontecer o infortúnio de nos escapar o fascínio pela beleza deste dom? [...] O estupor é parte essencial da ação litúrgica, porque é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a admiração de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em uma referência a um conceito abstrato; mas, sim, em conter e expressar, concretamente, aquilo que significa<sup>15</sup>.*

A admiração é um caminho, talvez condição *sine qua non* para que haja verdadeiramente o encontro com Deus. A questão é o que se faz para que esse encontro aconteça e, em contrapartida, quais são os “critérios” para se afirmar que ele realmente aconteceu.

### 3 Eventuais soluções: de onde partir?

A superação de um modelo pastoral é bastante desafiadora, uma vez que pressupõe, nesse caso, compreender que não se vive mais na cristandade, que a Igreja está sob o Concílio Vaticano II e, acima de tudo, vivendo uma crise enorme, o que muito diz em relação ao que a Igreja apresenta de si mesma ao mundo. Em geral, porém, tanto a pastoral secularista quanto a idolatria da hóstia são reflexos daquilo que o Papa Francisco tem chamado de mundanismo espiritual, que é “buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal”<sup>16</sup>. De fato, aos que afirmam “sentir” algo ao olharem para a hóstia, as outras formas de espiritualidade e a própria vivência da fé, especialmente no que diz respeito ao zelo pelo outro, não existem. A moral se resume, muitas das vezes, às questões da sexualidade (sexto mandamento), porque é aí que mais diretamente se sente pecar e atentar contra a vontade de Deus. Daqui, pois, derivam outras problemáticas de ordem mais práticas, tal qual o fechamento que se quer estabelecer, a muitos, com relação à participação na Ceia em virtude de viver uma segunda união, por exemplo. Sobre isso, já deixara um alerta o próprio papa:

<sup>15</sup> DD 24.26.

<sup>16</sup> EG 93.



*[...] todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, nem as portas dos sacramentos deveriam se fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a “porta”: o Batismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Estas convicções têm também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com sua vida fadigosa<sup>17</sup>.*

O papa não elimina, por completo, os critérios e, ao mesmo tempo, não os enrijece; apenas pede prudência, tanto quanto nas recentes *dubia* a ele enviadas, quando escreveu que “o Direito Canônico não deve e não pode abranger tudo, nem as Conferências Episcopais, com seus vários documentos e protocolos, devem pretender isso, uma vez que a vida da Igreja flui por muitos canais além dos normativos” (PAPA FRANCISCO, 2023). Nesse sentido, uma discussão que é sempre necessário repropor, mesmo contra a perspectiva de uma pastoral entendida única e simplesmente como *cura animarum*, é a de que a salvação tem em vista a pessoa com tudo o que lhe constitui; e, acima de tudo, fazer pensar também o que se entende por corpo. De fato, ainda se perdura a compreensão dualista, razão pela qual se afirma, a todo custo, que é preciso viver com intensidade tudo o que o toca esta vida, já que, no fundo, a vida verdadeira será apenas no pós-morte, quando a alma se desvincular do corpo para se unir a Deus. No fundo, não se percebe que, pautando-se única e exclusivamente no corpo (ao menos para esta vida, naturalmente), acabam muitas vezes por instrumentalizá-lo:

*[...] Em realidade, a abordagem do corpo como um objeto ou instrumento complexo implica a sua identificação com uma qualquer máquina complexa. O corpo-máquina passa a ser, portanto, o modelo acabado do corpo-instrumento, como realização de todos os idealismos que a nossa cultura foi conhecendo, ao longo dos tempos. Estes, de fato, dificilmente conseguiram ver no corpo mais do que o mecanismo de sustentação da ideia, a única com estatuto ontológico verdadeiramente humano e, por isso, como humanidade presente num mecanismo, de si não humano. É estranho verificar que a cultura contemporânea – dita “pós-moderna” e, portanto, pretensamente “pós-idealista” – parecendo embora dar uma*

<sup>17</sup> EG 48.



*importância mesmo desmesurada ao corpo, não passa, em grande parte, de uma cultura do corpo como instrumento*<sup>18</sup> (DUQUE, 2008, p. 122).

A contradição em que caem, os que querem viver uma pastoral pautada no corpo e nos sentidos, é enorme: do ponto de vista de si mesmos, vale apenas o próprio corpo, real e físico; mas, ao mesmo tempo, idolatram um “corpo imaginário”, que é a Eucaristia. Precisam, por isso, lembrar-se que:

*[...] a marca corpórea mais originária da Eucaristia é a referência ao corpo glorioso da sua origem, ao corpo ressuscitado de Jesus Cristo, que é também o corpo crucificado, assim como o corpo que percorreu os caminhos da Judeia e que viu, cheirou, tocou, ouviu, degustou tudo aquilo com que se relacionou. Não é um Jesus Cristo gnóstico, liberto do corpo e transformado em puro espírito, mas o mesmo Jesus que viveu os anos que viveu, tal como todo o ser humano*<sup>19</sup>.

Isso lança à próxima perspectiva, que precisa ser sempre lembrada: Jesus não escolheu, em momento algum, caminhar sozinho, e nem propôs que os cristãos vivessem uma fé completamente descompromissada com a realidade. Ao contrário: é de dentro de cada contexto que se deve propor a mensagem cristã. Ou seja, os cristãos não devem ignorar a história, mas viver nela; interessar-se por ela. A vida humana, corpórea, não é um castigo: ao contrário, é dádiva. Ainda que os cristãos vivam sob uma tensão escatológica, o Concílio já alertava que a expectativa da nova terra não deve enfraquecer o esforço pelo desenvolvimento desse mundo; antes, deve estimulá-lo, de modo que já se note, aqui, uma certa prefiguração do mundo futuro<sup>20</sup>. Portanto, uma vivência eucarística meramente subjetiva é incompleta.

O último aspecto, e talvez o mais delicado, é o de que se se vive na história e, naturalmente, não é apenas pelo corpo que se deve pautar a pastoral, é preciso sempre recordar o aspecto comunitário da Eucaristia, acentuado, por sua vez, pela própria dinâmica da refeição<sup>21</sup>. Todavia, é

<sup>18</sup> DUQUE, J. Eucaristia e corporeidade: o desafio dos sentidos. In: *Theologica*, 43, 1 (2008), p. 122. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/theologica/article/view/1471/1399>. Acesso em: 8 out. 2023.

<sup>19</sup> DUQUE, 2008, p. 128.

<sup>20</sup> GS 39.

<sup>21</sup> DIAS, T. C. da S. Do ‘tomar e comer’ ao ‘ver’: a perda do real sentido eucarístico e seus desdobramentos pastorais. *Revista Encontros Teológicos*, v. 38, n. 1, jan./abr. 2023,



preciso sempre se recordar que, nesse caso, a Eucaristia é o fim de uma vivência de irmãos e irmãs. “Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixa sua oferta ali, diante do altar, e vai primeiro se reconciliar com ele” (Mt 5,23-24). A fraternidade é condição para participação da refeição. Observe-se que, no caso da necessidade de uma eventual reconciliação, a oferta é para ficar diante do altar, para que se sinta que é preciso regressar; e, preferencialmente, reconciliado. A pastoral secularista dominou de tal modo o cenário eclesial que não mais importa participar de uma celebração com desentendimentos. Aliás, como, por enquanto, as filas para se receber a Comunhão são diversas, basta ir em direção contrária. Outra vez, já o Concílio recomendava “a reverência para com o homem, de maneira que cada um deve considerar o próximo, sem exceção, como um ‘outro eu’, tendo em conta, antes de mais nada, a sua vida e os meios necessários para a levar dignamente”<sup>22</sup>. Uma comunidade que comunga dominicalmente, mas acredita que as tantas injustiças que acontecem ao seu redor não lhe dizem respeito, vive uma fé aparente.

## Considerações

Na Sagrada Escritura, de um modo geral, a crítica feita à idolatria não é totalmente ruim; antes, visa também afastar dela os verdadeiros adoradores de Deus. Os fundamentos dos argumentos contrários são diversos: a natureza é toda ela boa; a afirmação da dignidade humana sobre os seres criados; a transcendência do ser divino, cujo nome, inclusive, é incomunicável. No fundo, a idolatria provoca uma subversão nesses valores imperecíveis que, por sua vez, leva o ser humano à degradação de sua própria dignidade<sup>23</sup>.

Nesse sentido, também a crítica aqui exposta não teve, de forma alguma, a pretensão tão apenas de apontar um erro e, quiçá, gerar uma nova crise em outra que já está em andamento. Antes, o intuito foi constatar as contradições presentes em determinados gestos e celebrações, no que diz respeito à Eucaristia, para destacar que, nos moldes em que se faz hoje em muitas comunidades, corre-se o risco de perder a essência do

---

p. 110. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1776/1437>. Acesso em: 11 out. 2023.

<sup>22</sup> GS 27.

<sup>23</sup> VÍLCHEZ, 1988, p. 420.



que ela realmente é, em um modelo de pastoral pautado exclusivamente no corpo e nos sentidos.

Quando a Constituição *Sacrosanctum Concilium* pediu, em diversas partes do texto, a participação consciente, ativa e plena dos fiéis, chegou, inclusive, a mencionar que tudo isso se realiza também com o corpo<sup>24</sup>. Logo, não se quer aqui, de forma alguma, desmerecer a importância dos sentidos para a liturgia. Na verdade, a intenção foi fazer pensar se é apenas para isso que a Eucaristia tende: provocar sensações, êxtases e emoções das mais variadas. Há não muito tempo, enquanto se comungava, em alguns lugares se cantava a canção chamada *balada da caridade*, e as pessoas se perguntavam: *como posso ter sono sossegado se no dia que passou os meus braços eu cruzei? Como posso ser feliz se ao pobre, meu irmão, eu fechei meu coração, meu amor eu recusei?* Sem querer ser, na expressão de João XXIII na abertura do Concílio, “profeta da desgraça”, do jeito que as coisas vão, parece que se vai dormir sem peso algum na consciência. A questão é se isso é fé cristã, de fato.

Naturalmente que nem sempre foi assim, o que de certo modo consola, porque também significa que não necessariamente terá que continuar dessa maneira. O estudo da história e a análise, ainda que breve, de um fenômeno da realidade pode ajudar a escrever o futuro de uma maneira diferente. Em parte, a decisão é também da Igreja.

## Referências

BENINCÁ, E.; BALBINOT, R. *Metodologia Pastoral*. Mística do discípulo missionário. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRIGHENTI, A. Discernir a pastoral em tempos de crise. In: MORI, G. de. [org.]. *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 27-53.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral ‘Gaudium et Spes’ sobre a Igreja no mundo atual*. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 11 out. 2023.

<sup>24</sup> SC 30.



CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em: 11 out. 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. Medellín – 1968. *In: Documentos do Celam*. Rio – Medellín – Puebla – Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004. p. 71-224.

DEZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2015.

DIAS, T. C. da S. Do ‘tomar e comer’ ao ‘ver’: a perda do real sentido eucarístico e seus desdobramentos pastorais. *Revista Encontros Teológicos*, v. 38, n. 1, jan./abr. 2023, p. 101-119. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1776/1437>. Acesso em: 11 out. 2023.

DIAS, T. C. da S.; SOUZA, N. de. A urgência da ortopraxis: condição para resgatar o humano. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXX, n. 103, set./dez. 2022, p. 45-61. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/59372/41414>. Acesso em: 11 out. 2023.

DUQUE, J. Eucaristia e corporeidade: o desafio dos sentidos. *In: Theologica*, 43, 1 (2008), p. 121-135. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/theologica/article/view/1471/1399>. Acesso em: 8 out. 2023.

JUSTINO DE ROMA. I Apologia. *In: JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias. Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 19-85.

PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: Edições CNBB, 2015.



PAPA FRANCISCO. *O Papa responde às Dubia de cinco cardeais*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html>. Acesso em: 11 out. 2023.

VÍLCHEZ, J. Idolatria. In: XABIER PIKAZA, O. de M.; SILANES, N. [dir.]. *Dicionário Teológico*. O Deus Cristão. São Paulo: Paulus, 1988.